

Código: simpósio 13

Proponente: Ronaldo Pilati

Área da Psicologia: Psicologia Social

COMPORTAMENTO PRÓ-SOCIAL: INTERLOCUÇÕES ENTRE A PSICOLOGIA EVOLUCIONISTA E A PSICOLOGIA SOCIAL

Justificativa: O comportamento pró-social é um tema clássico e central em Psicologia. Esta categoria de comportamentos pode ser definida como ações com o intuito de produzir benefício à outra pessoa ou grupo. Trata-se de uma categoria central de análise sobre a psicologia humana, pois é graças a este tipo de comportamento que as relações sociais são mantidas e coordenadas, permitindo a convivência dos grupos sociais nos mesmos ambientes, bem como a consecução de objetivos comuns. Recentemente tem-se modelado os antecedentes do comportamento pró-social a partir de uma perspectiva multinível, na qual antecedentes de múltiplos níveis desempenham papel relevante em sua determinação. Penner et al. apresentam uma taxonomia em que classificam os determinantes do comportamento pró-social em três níveis: micro, meso e macro. O micronível envolve o conjunto de fatores relativos aos aspectos evolucionistas, bem como aqueles relacionados aos processos da cognição social. O mesonível, por sua vez, envolve os determinantes situacionais e a interação destes com os fatores adscritos ao micronível. O presente simpósio tem como objetivo discutir avanços teóricos e metodológicos fornecidos por dois campos da psicologia que buscam compreender, há décadas, o comportamento pró-social: a Psicologia Evolucionista e a Psicologia Social. O tema do comportamento pró-social se confunde com a própria existência da Psicologia Evolucionista, uma vez que o paradoxo do comportamento pró-social, no âmbito da teoria de Darwin, motivou o desenvolvimento de modelos teóricos posteriores para explicar os comportamentos pró-sociais (ex: Hamilton, Trivers, Boyd e Richerson, entre outros). Dentro desta perspectiva de compreensão duas apresentações deste simpósio versam sobre as contribuições da Psicologia Evolucionista para a compreensão do comportamento pró-social. A primeira utiliza como variável compreensiva dos aspectos evolutivos da prosocialidade a vinculação religiosa, uma vez que movimentos religiosos, de forma generalizada, orientam os fiéis para condutas pró-sociais. O segundo estudo a ser apresentado utiliza um paradigma da teoria dos jogos para testar o comportamento cooperativo entre crianças, lançando mão de explicações situacionais do contexto experimental para a interpretação dos resultados. Por sua vez a Psicologia Social tem no comportamento pró-social um tema central de estudos, pois se referem a comportamentos socialmente desejáveis que devem ser encorajados. Várias produções teóricas e metodológicas em Psicologia Social têm auxiliado na compreensão dos determinantes destes tipos de comportamento. Mais especificamente, graças ao desenvolvimento, nas últimas décadas, dos estudos sobre os processos sócio-cognitivos automáticos, vários mecanismos processuais que consideram a interação entre variáveis disposicionais e situacionais tem se demonstrado como determinantes da conduta pró-social. O terceiro trabalho deste simpósio apresenta resultados de pesquisas em que são produzidas evidências do impacto de fatores disposicionais explícitos e implícitos, como empatia, prestatividade e valores, na relação entre eventos situacionais, manipulados por meio do paradigma de priming, e o comportamento pró-social. Tem-se como função principal, neste simpósio, criar uma interlocução teórica e metodológica entre a Psicologia Evolucionista e a Cognição Social com vistas à produção de conhecimento integrado sobre os determinantes do comportamento pró-social.



No concernente aos expositores deste Simpósio todos são pesquisadores envolvidos na temática, conduzindo pesquisas sobre o assunto de pró-social, seja bom uma matriz teórica da Psicologia Evolucionista, seja a partir da Psicologia Social, há vários anos. Dois são bolsistas produtividade do CNPq, sendo um dos expositores 1A. De forma geral todos os três expositores tem experiência acadêmica e científica que os habilita a apresentar os resultados de pesquisa e discutir aspectos teóricos e metodológicos da pesquisa em pró-social que trarão contribuições relevantes para os congressistas interessados na área.

Apoio financeiro: CNPq

Palavras chave: Comportamento pró-social, Psicologia Evolucionista, Cognição Social

P

BIO e SOCIAL

Coordenador: Ronaldo Pilati

VARIÁVEIS DISPOSICIONAIS COMO MODERADORAS DA COGNIÇÃO SOCIAL DO COMPORTAMENTO PRÓ-SOCIAL. Ronaldo Pilati (Laboratório de Psicologia Social, Universidade de Brasília, Brasília, DF).

Os modelos teóricos na cognição social, sejam estes focados em conteúdos específicos ou gerais, tem convergido para a compreensão do sistema cognitivo como um aparato que possui dois mecanismos de processamento da informação: Sistema 1 e Sistema 2. O Sistema 1 possui os seguintes atributos do processamento: inconsciente, implícito, automático, baixo esforço, rápido, alta capacidade, evolutivamente antigo, paralelo, pragmático, associativo. Já o Sistema 2 possui os seguintes: consciente, explícito, controlado, alto esforço, baixa capacidade, analítico, reflexivo, evolutivamente recente, relativo a linguagem, abstrato, sequencial. Os efeitos diretos dos processos automáticos no comportamento pró-social têm sido amplamente demonstrados na literatura de psicologia social, desde meados dos anos 1990. Nos últimos 10 anos uma linha de investigação em cognição social tem procurado modelar o efeito que os processos automáticos possuem sobre o comportamento social, mas considerando como fatores moderadores as características disposicionais. O objetivo desta apresentação é relatar resultados de estudos empíricos que testaram a relação moderadora da personalidade pró-social, construto disposicional que se refere a uma tendência duradoura em comportar-se prosocialmente em diversas situações, entre o *priming* de comportamento pró-social e indicadores de prosocialidade. O raciocínio geral do programa de investigação é que a manipulação de elementos situacionais, por meio da técnica de *priming*, aumenta a chance de emissão de comportamentos pró-sociais. Estas evidências foram produzidas em projetos que utilizaram diferentes estratégias de manipulação de *priming*, como a tarefa de desembaralhamento de sentenças, tarefas de memorização e ativações de construtos físicos (como peso e doçura), que guardam uma relação metafórica com a prosocialidade. Também foram produzidas evidências sobre o efeito de moderação entre as estratégias de *priming* empregadas e medidas explícitas de variáveis disposicionais relacionadas à prosocialidade, como é o caso da Bateria de Personalidade Pró-social, o Inventário de Valores de Schwartz ou a medida de Orientação a Valores Sociais. Em geral, indivíduos que endossam menos construtos pró-sociais tendem a ser mais afetados pelas variações situacionais na emissão de comportamentos pró-sociais, mas esta relação de moderação não é verdadeira para todos os construtos disposicionais investigados. Considerando a limitação de medidas explícitas para acessar processos implícitos relativos ao Sistema 1 estão em desenvolvimento, no âmbito do programa de investigação, procedimentos de mensuração implícita de tendência pró-social, de forma a avaliar a relação de moderação que esta disposição implícita pode exercer entre a ativação de metas pró-sociais e o comportamento pró-social. De forma geral, há resultados que indicam que as características disposicionais de prosocialidade exercem um efeito moderador na relação entre o *priming* e o comportamento pró-social, mas este efeito não é observado com todos os construtos disposicionais. Estes fatores

exercem um papel que facilita a acessibilidade crônica de uma representação de comportamento pró-social e o estudo das interações entre fatores disposicionais e situacionais da prosocialidade parece ser uma linha profícua para a compreensão dos determinantes do micro e mesonível de análise do comportamento pró-social.

Apoio financeiro: CNPq

Palavras chave: Comportamento pró-social, Cognição Social, Personalidade Pró-social

P

SOCIAL

2º Apresentador: Maria Emilia Yamamoto

O COMPORTAMENTO PRÓ-SOCIAL NA PERSPECTIVA EVOLUCIONISTA: O CASO DA RELIGIÃO. Maria Emilia Yamamoto (Universidade Federal do Rio Grande do Norte).

A cooperação representou um problema para a teoria da evolução desde sua formulação por Darwin. Como explicar sua ocorrência sem se contrapor à ideia da seleção natural agindo sobre o indivíduo? Várias alternativas de solução têm sido propostas: a seleção de parentesco proposta por Hamilton sugere que parentes ganhariam em termos de aptidão ao colaborar com outros parentes; o altruísmo recíproco, proposto por Trivers, sugere que o comportamento de cooperação ou ajuda dirigido a outros indivíduos, não aparentados, poderia beneficiar aquele que ajuda ao receber o favor de volta; derivado desse conceito, Milinski propõe a reciprocidade indireta, na qual a reputação do indivíduo atrai a cooperação de outros indivíduos com os quais nunca cooperou; mais recentemente, a teoria da evolução cultural, de Boyd e Richerson, sugere que a cultura criou ambientes sociais que permitiram a seleção de traços, tais como cooperação, que por sua vez deu margem à competição entre grupos, favorecendo aqueles com maior cooperação interna. Brewer, retomando uma proposta da Psicologia Social, usa os marcadores de grupo como facilitadores da cooperação e levando ao altruísmo contingente, que não requer reciprocidade. Vários sinais podem agir como marcadores de grupo, entre eles, raça, nacionalidade e pertinência a grupos organizados, como religiões. Este último é especialmente interessante por vários motivos: o Brasil, considerado o maior país católico do mundo, experimentou várias mudanças no panorama religioso, com a queda acentuada do número de católicos e o crescimento de outras religiões, principalmente a evangélica, além dos que se declaram sem religião; religiões preconizam o comportamento do bom samaritano, de fazer o bem sem olhar a quem, em outras palavras, comportamento pró-social indiscriminado; e finalmente, a diversidade de padrões de comportamento, seja entre religiões ou dentro de grupos religiosos. Vários estudos sobre religião em nossos laboratórios permitiram responder questões tais como: indivíduos religiosos são mais generosos/cooperadores do que aqueles sem religião? A religião (ou sua ausência) age como um marcador de grupo, mediando a escolha dos alvos da generosidade/cooperação? Qual a maior influência na pró-socialidade, o marcador de grupo ou a reputação? Nossos resultados mostraram que a generosidade não é maior entre os que professam uma religião quando comparados aos que não tem religião. Também verificamos que tanto a reciprocidade quanto os marcadores de grupo são importantes na expressão da generosidade e na determinação de seus receptores. Este é, no entanto, um comportamento complexo e outros fatores, tais como intensidade da prática religiosa, as características do grupo de pertinência e fatores de personalidade influenciam o comportamento a pró-socialidade. Estes resultados sugerem que a utilização de conceitos da Psicologia Evolucionista, associados a conceitos e instrumentos de outras áreas da Psicologia, permitem uma melhor avaliação de fenômenos psicológicos, tais como o comportamento pró-social.

Apoio financeiro: CNPq/FAPERN(PRONEX); CNPq; CAPES

Palavras chave: Comportamento pró-social, Religião, Perspectiva evolucionista

P

BIO

3º Apresentador: Anuska Irene de Alencar

DOAR OU NÃO DOAR – EIS AS CIRCUNSTÂNCIAS. Anuska Irene de Alencar (Faculdade de Ciências, Cultura e Extensão do RN; Universidade Federal do RN); Natália Bezerra Dutra**; Natália Boccardi**, Phiética Raíssa Rodrigues da Silva* e Maria Emília Yamamoto (Universidade Federal do Rio Grande do Norte).

Ações voluntárias como fazer uma doação ou partilhar um alimento são considerados comportamentos pró-sociais, pois beneficiam um terceiro indivíduo ou um grupo. Diversas ações no cotidiano podem implicar em colaborar ou não e até mesmo usufruir da doação de alguém. Manter-se cooperando ou deserdar depende, possivelmente, das condições sociais e de aparatos biológicos para avaliar tais situações. Comportamentos como esses não são exclusivos dos humanos nem surgem apenas nos adultos. Crianças parecem apresentar capacidades para decidir qual a melhor situação para ajudar um terceiro ou um grupo. Estudos que avaliam dilemas como esses utilizam a teoria dos jogos como metodologia de investigação. Um dos jogos utilizado é o dos bens públicos, no qual mais de dois jogadores contribuem para um bem comum e os benefícios são partilhado igualmente por todos, independentemente de quem faz as doações. Dessa forma, se todos cooperarem o ganho será maior, mas se um indivíduo deserda os que cooperam poderão ter prejuízo. Nesse sentido, qual o melhor momento para cooperar? O objetivo deste trabalho foi verificar em crianças em idade escolar as circunstâncias que favorecem ou dificultam a cooperação em um jogo dos bens públicos. Investigamos a média de doações a um bem comum de 539 crianças (259 meninos e 280 meninas) com idades variando de cinco a 11 anos. A critério da criança elas poderiam, individualmente e anonimamente, doar até três *wafers* a um bem comum ou não doar. As doações foram realizadas colocando *wafers* em um envelope depositados em uma urna que ficava atrás de um biombo. Após a doação do último participante recolhíamos a urna, abríamos os envelopes, na frente das crianças, e adicionávamos dois *wafers* a cada um doado. Posteriormente dividíamos o total igualmente entre todos. Subdividimos as crianças em quatro grupos nos quais manipulamos a influência do pesquisador: 1) Oito grupos controle. Nesses grupos fazíamos o procedimento sem comentar nada sobre as doações e sem monitorar a criança no momento da doação; 2) Seis grupos em que um pesquisador via o quanto a criança doava, pois estava com ela atrás do biombo, mas não fazia comentários (grupos monitorados) nem informava a doação aos demais; 3) Sete grupos nos quais ao final das doações elogiávamos as maiores doações, sem identificar o autor (*feedback* positivo); 4) Seis grupos em que criticávamos as menores doações sem identificar o autor (*feedback* negativo). A média de doações foi maior nos grupos monitorados e com *feedback* negativo quando comparados aos demais. Apesar das situações de jogo não envolverem punições diretas aos não cooperadores, acreditamos que a vigilância e a crítica, mesmo que indireta, contribuíram para manutenção das doações porque, provavelmente, a expectativa dessa punição pode ter provocado sentimentos de vergonha e culpa, que são sentimento negativos. Dessa forma, cooperar evitaria a possibilidade de senti-los.

Apoio financeiro: FAPERN/PRONEX/CNPq

Palavras chave: Bens públicos, cooperação, Psicologia evolucionista.

P

BIO

42^a
REUNIÃO ANUAL DA
SOCIEDADE BRASILEIRA DE
PSICOLOGIA

VIII
CONGRESSO
IBEROAMERICANO
DE PSICOLOGIA

**PSICOLOGIA
SEM
FRONTEIRAS**
SHERATON WTC HOTEL
SAO PAULO, BRASIL
17 - 20/10/2012